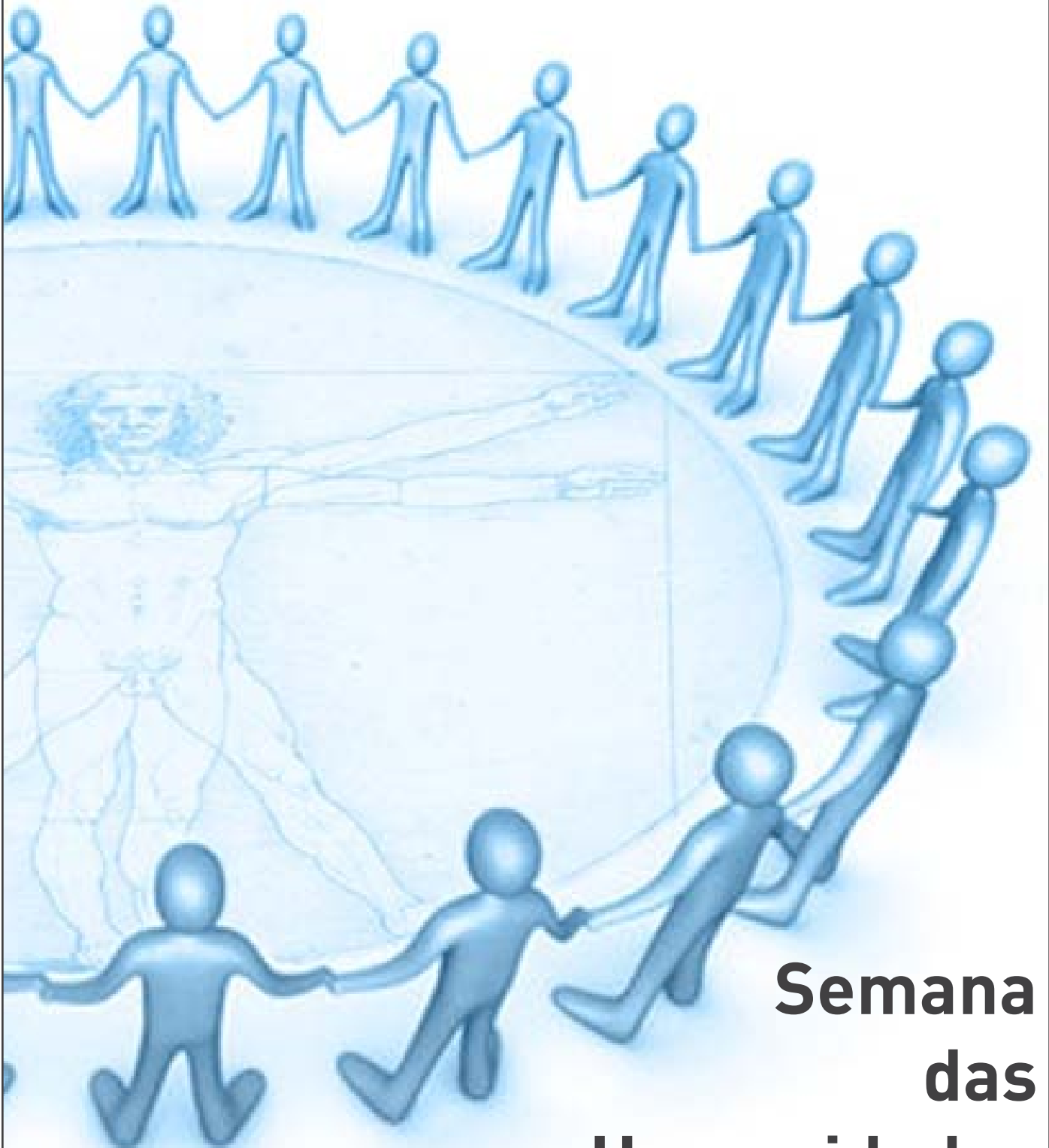




Escola Secundária
Inês de Castro
CANDELÂ YILA NOVA DE GAIA

des- alinhado

Nº 43 | ABRIL DE 2011 | 1 LETRA



**Semana
das
Humanidades**

ÍNDICE

Ficha técnica	02
Editorial	03
A Escola em Notícia	04
Os Nossos Clubes	08
O Mundo à Nossa Volta.....	10
Destaque “Semana das Humanidades ESIC”.....	11
Os Nossos Escritores	16
Os Nossos Críticos	21
A Voz dos Pais	22
Quem fala assim... ..	23
Última Página	24

FICHA TÉCNICA

Neste Jornal, colaboraram Alunos, Professores, Funcionários, Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária de Inês de Castro.

Paginação: Direcção de Comunicação e Marketing.

EFEMÉRIDE

27 de Março | **Dia Mundial do Teatro**



Anfiteatro de Mérida

Editorial

Agostinho Sequeira Guedes | Director da ESIC

Qualidade(s) de uma Escola

A Primavera está a chegar e com ela surge um novo espaço educativo.

A edificação da nova Inês de Castro tem um cunho muito forte dos seus residentes, tanto na sua concepção como no seu desenvolvimento.

As projecções feitas resultaram num complexo escolar harmonioso e devidamente preparado para o acto educativo e formativo, sendo certo que tudo foi pensado ao pormenor.

Agora que se espera a intervenção no gímnadesportivo

antigo, podemos afirmar que temos mais escola!

Os novos espaços desportivos são adequados e ajustados às necessidades; os laboratórios são excelentes; as salas de aula normais são confortáveis; os restantes espaços foram construídos a pensar na eficiência e eficácia dos serviços.

Acreditar na nova ESIC é querer continuar a edificar o seu propósito educativo, centrado numa visão de Cidadania consciente e acreditada por todos os que a visitam.



ESIC Solidária

Prof.ª Carla Santos

A festa de Carnaval que decorreu na nossa Escola a 5 de Março, no âmbito do “Projecto de Luta contra a Pobreza e Exclusão Social”, foi um sucesso.

Foram convidadas duas Associações, a Associação Social de Solidariedade de Idosos de Canidelo e o Centro de Apoio Domiciliário de Lavadores – Canidelo, que participaram e assistiram a um evento com diversas actividades:

- Concurso de Mascaras de Carnaval;
- Cânticos pelos Utentes de Associação Solidariedade Social de Canidelo (A.S.S.I.C.);
- Coreografia pelos Alunos da ESIC;
- Rancho Folclórico da Afurada;
- Escola de Música de Canidelo;
- Grupo Musical da Associação de Reformados da Alameda do Cedro;
- Cantinho das Merendas dos EFAS;
- Cantinho de Artesanato do EFA 3;
- Pinturas Faciais pelos Professores de Artes Visuais .

Vários foram os docentes intervenientes que se solidarizaram com a actividade, que envolveu, também, alguns alunos.



Foi gratificante ver tanta solidariedade, pois estas entidades estiveram presentes de forma totalmente gratuita. A disponibilidade e a generosidade de todos contribuíram para tornar esta tarde inesquecível para o Grupo de Idosos da A.S.S.I.C.

O Director da nossa Escola, Dr. Agostinho Guedes, acompanhou a actividade, tendo ficado muito agradado com o empenho de todos os presentes.

Baile de Máscaras e Sessão de Poesia I

Jéssica Loureiro | n°7 | 11°F

No passado dia 3 de Março, pelas 16:00 horas, as turmas do 11º F e E participaram num baile de máscaras veneziano e recitaram poemas. Foram convidados todos os professores das turmas envolvidas, assim como a direcção. Esta actividade foi dinamizada pelas professoras Maria Manuela Silva, professora de Literatura Portuguesa, e Maria João Robalo, professora de Geografia A.

A sala foi decorada de modo a haver um ambiente de festa e todos os alunos foram trajados a rigor com roupa que lembrava o passado dos vestidos longos e das cartolas. A actividade, com o título “Baile de Máscaras e sessão de Poesia”, iniciou-se com a recitação, pelos alunos, de poemas das diferentes épocas literárias, acompanhados ao som do dedilhar da viola, tocada pela aluna Carlota Pereira, da turma 11º F, e pelo professor Armando Gomes, do Departamento das Expressões. De seguida, iniciou-se o baile de máscaras ao som da música da época e, em pares, dançou-se a valsa. Para tornar o baile de máscaras mais autêntico, o serviço de bar e mesa serviu as turmas e os convidados presentes. Desde já, as turmas agradecem ao professor Armando que nos proporcionou



a música, aos professores Pedro Santos e Manuel Correia por terem ensinado as turmas a dançar a valsa, às professoras Joana Félix e Carla Teixeira por nos terem cedido os fatos, à professora Juliana por ter ajudado na organização da sala, ao aluno José Lima por ter feito castiçais para decorar o baile, aos alunos de bar e mesa que nos serviram e às professoras Maria Manuela Silva e Maria João Robalo por terem proporcionado esta actividade a ambas as turmas.

No fundo, esta actividade foi uma surpresa feita por ambas as professoras para as turmas, de modo a presentear o esforço e trabalho efectuado. Na minha opinião, neste evento conseguimos sentir o verdadeiro ambiente de um baile de máscaras veneziano. Parecia tudo tão autêntico, a pouca luz era esquecida com o clarão das velas, a música deixou-nos livres... e sem esquecer as máscaras venezianas que traziam um misto de cores e brilho à sala... vivemos realmente aquele momento como já há muito não era vivido.

Esta actividade foi extremamente gratificante para as turmas, conseguimos demonstrar que o trabalho entre turmas é possível, além de ter revelado um dinamismo criativo, pedagógico e produtivo.



Baile de Máscaras e Sessão de Poesia II

Catarina Ferreira | n°5 | 11°E

No passado dia 3 do mês de Março, realizou-se na Escola Secundária Inês de Castro, pelas 16h, uma actividade ligada ao Carnaval, organizada pelas professoras das disciplinas de Geografia e de Português e Literatura Portuguesa, Maria João Robalo e Maria Manuela Silva, respectivamente.

Esta actividade, designada por “Baile de Máscaras e Sessão de Poesia”, destinou-se aos alunos das turmas E e F do 11ºano e a ela assistiram os restantes professores das mesmas turmas.

No início da tarde, os alunos decoraram a sala onde se realizou a actividade, tornando-a um espaço acolhedor e criando um ambiente propício ao evento a realizar. Vestiram os fatos e vestidos, maioritariamente disponibilizados pela professora de História, Carla Teixeira, e pela professora representante do Clube de Teatro da Escola, Joana Félix.

Chegadas as 16h, o evento começou com o recital de poesia, em que quase todos os alunos declamaram um poema à escolha, de variados movimentos literários, acompanhados à viola pelo professor Armando Gomes, do Departamento das Expressões, e pela Carlota Pereira, aluna do 11ºF.

A sessão de poesia permitiu demonstrar a leitura expressiva, o gosto dos alunos na expressão de um pensamento, de uma reflexão, assim como o gosto pela leitura do romance queiroziano Os Maias. Foi com sentimento que se declamou e com emoção que se assistiu.

De seguida, passou-se à apresentação de um trabalho realizado por alguns alunos do 11ºE, no âmbito da dis-

ciplina de Geografia e proposto pela respectiva professora, sobre as características do Carnaval em Portugal e no Mundo. Este projecto correu muito bem, pois ficámos a conhecer as diferenças entre os principais carnavais que se realizam.



Após estas duas actividades, a turma E, que tinha preparado uma surpresa destinada à professora de Inglês, Ângela Lieblich, interpretou a canção “Imagine”, de John Lennon, segurando balões que tinham escritas as respectivas palavras-chave. Esta surpresa realizou-se com o objectivo de agradecer à professora da disciplina o empenho, dedicação e vontade que manifestou de fazer algo em

conjunto com os seus alunos neste evento.

De seguida, teve lugar o baile de Carnaval, que contou com a participação dos alunos de ambas as turmas e dos professores presentes, e de um serviço de catering disponibilizado pela Escola. As coreografias desempenhadas pelos alunos foram ensinadas e sugeridas pelos professores de Educação Física, Manuel Correia e Pedro Santos.

No final do evento, mais uma vez, a turma E tinha preparado outra surpresa, desta vez destinada a todos os professores presentes, como forma de agradecimento pela organização, presença, empenho, dedicação e colaboração nesta actividade de Carnaval, que proporcionou a todos os alunos de ambas as turmas um dia divertido, dinâmico e diferente. E acima de tudo, um dia misto de passado e presente!

Actividade no Âmbito da Disciplina de Área de Projecto

Turmas do 8º E, G, H, I, J, L

Sensibilização para a Prevenção e Controlo da Diabetes



Nutrição e Actividade Física

No dia 04 de Fevereiro do presente ano, o Núcleo de Estágio de Educação Física, em associação com a Directora da Turma L do 8º ano, no âmbito do Projecto Curricular de Turma, dinamizou mais uma actividade inserida no seu tema de eleição "Muda o teu Mundo, está nas Tuas Mãos", nas áreas da Alimentação e do Movimento.

Assim, pelas 10 horas, foi dinamizada uma sessão de esclarecimento sobre Nutrição e Actividade Física, pretendendo-se dar cumprimento a uma das finalidades da disciplina de Educação Física, "Promoção da Saúde e a Elevação da Aptidão Física", salvaguardando-se "o gosto pela prática regular de actividade física, fora da escola", conjugado com a escolha alimentar, dentro do possível mais saudável, dado que o esclarecimento se impõe como mais-valia.

O convite foi extensível, como não podia deixar de ser, aos encarregados de educação dos alunos da turma. Pretendeu-se sensibilizar para a necessidade de nos «movimentarmos», combatendo o sedentarismo, e muito particularmente, fazendo-o em família, reforçando, desta forma, os seus laços, numa altura em que o ritmo vertiginoso do dia-a-dia nem sempre permite contemplar e

desfrutar momentos de partilha. Apelou-se às escolhas alimentares mais saudáveis, as quais nos dizem respeito - começemos por "Mudar o nosso Mundo".

E porque os alimentos, na sua maioria, chegam às nossas mãos dentro de embalagens, por norma recicláveis, outro apelo ficou no ar: "Por favor, utilizem e ensinem a utilizar, não só, os caixotes do lixo, mas também, os diversos mecanismos de reciclagem que se encontram à mão".



Olimpíadas de Matemática

Prof.ª Teresa Carmo

A nossa Escola foi seleccionada, pela Sociedade Portuguesa de Matemática, como local de realização da 2ª eliminatória das XXIX Olimpíadas de Matemática. Este evento ocorreu no dia 19 de Janeiro de 2011 e nele participaram os seguintes alunos:

Categoria Júnior:

António Cardoso, nº 6, 7º I, Gonçalo Santos, nº 10, 7º F e Tânia Rocha, nº 22, 7º C.

Categoria A:

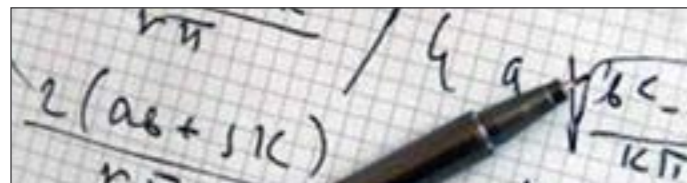
Abel Mota, nº 1, 8º E.

Categoria B:

Ana Luís Alago, nº 3, 11º E.

Estes alunos foram os que obtiveram melhores resultados, nas respectivas categorias, na 1ª eliminatória e, por isso, foram convocados.

Para além destes, estiveram presentes quatro alunos da Escola Secundária Dr. Joaquim Ferreira Alves.



Núcleo de Estágio de Educação Física e Desporto, em colaboração com a Directora da Turma 8ºE

Diabetes

Como controlar a Diabetes

Alimentação

Coma mais frutas, legumes, verduras, cereais e laticínios com baixos teores de gordura

Use menos sal, açúcar e fritos

Dê preferências às carnes brancas

Evite bebidas alcólicas

Como controlar a Diabetes

Aumento da atividade física

Mexam-se !

O exercício faz bem ao corpo e à mente. As pequenas práticas da vida diária previnem as doenças e melhoram a qualidade de vida.



Exposição de Postais Dia de S. Valentim

Alunos do 7ºE

No âmbito da disciplina de Área de Projecto, os alunos do 7ºE realizaram pesquisas sobre poemas alusivos ao amor e elaboraram postais decorados sobre o dia de S.Valentim. Fizeram, ainda, um trabalho de grupo em forma de livro com os "Dez Mandamentos" para um namoro estável e feliz.

Posteriormente, expuseram os trabalhos na Biblioteca da Escola, juntamente com o 7ºA.



Visita de Estudo a Lisboa

Raquel Rodrigues | nº 19 | 11º E

No dia 25 de Fevereiro, realizou-se uma visita de estudo a Lisboa, dinamizada pela professora Carla Teixeira, no âmbito da disciplina de História. Nessa visita, participaram as turmas 11º E, 11º F e 9º D, acompanhados pelos professores Carla Teixeira, João Magalhães, Manuela Silva e Luísa Ferreira. Esta visita começou com o encontro no portão da Escola às 6h; depois, partimos para Lisboa.

Na parte da manhã, visitámos o Museu Nacional dos Coches. Graças à visita guiada ao museu, descobrimos que este foi criado por iniciativa da Rainha D. Amélia de Orleães e Bragança, tendo sido inaugurado no dia 23 de Maio de 1905, com o nome de Museu dos Coches Reais. Este Museu reúne uma colecção que é considerada única no mundo, devido à variedade artística das magníficas viaturas de aparato dos séculos XVII, XVIII e XIX e ao número de exemplares que integra.

Com a visita a este museu, ficámos a conhecer melhor os meios de transporte desde o século XVII até ao século XIX, e aprendemos a distinguir berlindas de coches e os diferentes tipos de ambos.

Depois, seguiu-se o almoço. Almoçámos num jardim em

Lisboa e, como ainda faltava algum tempo para a segunda visita marcada, decidimos visitar o Mosteiro dos Jerónimos. Sendo este um dos mais emblemáticos monumentos portugueses, ficámos todos encantados com a sua beleza e grandiosidade.

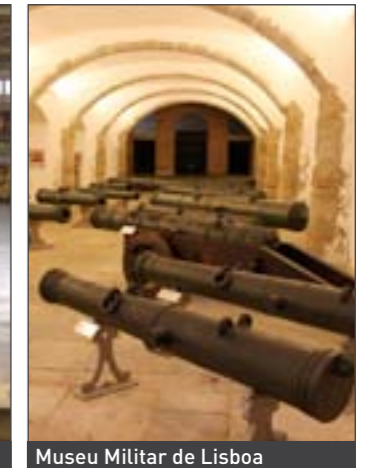
Após a visita ao Mosteiro, fomos visitar o Museu Militar, tendo sido guiados pelo Alferes Lopes, que nos explicou a simbologia de cada sala do museu, o seu contexto histórico e os armamentos utilizados por diferentes nações e em diferentes épocas.

E, por fim, voltámos ao Porto.

Penso que, com esta visita de estudo, todos pudemos ter acesso a importantes factos históricos e a contactar com a História em si. Visitámos uma cidade moderna, cheia de riquezas do passado. Todos adorámos o facto de termos podido contactar com a cultura e a História de uma maneira tão simples, entusiasmante e divertida. Na minha opinião, a visita não poderia ter corrido melhor e não existia melhor maneira para alcançar os objectivos previstos do que aquela que nos foi proporcionada.



Museu dos Coches



Museu Militar de Lisboa

Visita de Estudo a Sintra

Inês Marques | nº 11 | 11º E

Após uma viagem dolorosamente longa, erguia-se Sintra, verde e bela como nunca tinha visto. Sim, é certo que Eça a tinha descrito assim, e que uma magia contagiante salta das páginas daquele precioso capítulo oitavo, mas tinha dificuldades em acreditar que a fealdade própria das cidades modernas não se tivesse apoderado daquela vila, tão próxima da nossa capital. Engano meu, confesso. O tempo parou em Sintra! O tempo parou e quase que ouvimos os passos ansiosos de Carlos, e quase que sentimos o perfume de Maria Eduarda, que partira no dia anterior - se ao menos Carlos se tivesse decidido mais cedo!... Para nos levar ainda mais para as profundidades desta nossa fantasia, na qual todos nos encontrávamos em pleno século XIX, veio o professor João Rocha, o simpático guia de cabelos grisalhos e sorridentes olhos azuis, que vibrava e nos fazia vibrar com as personagens que, a este ponto, já nos era difícil acreditar serem fictícias. Carlos seguia o rasto de Maria Eduarda e nós, curiosos, seguíamos o rasto de Carlos. E que fascinante ver a Lawrence's, tão semelhante à da nossa imaginação! Tudo

se encontrava tão magnificamente preservado e tudo nos revelava a sua subtil beleza à luz daquele bonito dia de Sol.

Em seguida, caminhámos para Seteais (ou “Sete Ais”, como o nosso guia fazia questão de sublinhar), onde Alencar tivera tantos e tão arrebatados amores. Enquanto olhávamos o harmonioso jardim, João Rocha citava, com entusiasmo, as palavras do poeta romântico:

Quantos lares eu lá vi?

Que doces manhãs de Abril!

E os ais que soltei ali

Não foram sete, mas mil!

Foi nesse mesmo local que nos despedimos dele, com um sentimento de profundo agradecimento por ter tornado todo o percurso tão mágico.

Contudo, ainda tínhamos muito para ver nessa tarde e precisávamos de nos apressar. Dirigimo-nos, então, para a Quinta da Regaleira, aquele magnífico palácio que se erguia entre os arvoredos de Sintra e surpreendia com todos os detalhes que o ornamentavam. A Quinta da Regaleira é, de facto, um local admirável, que nunca pensei existir em Portugal, com uma simbologia filosófica fascinante, baseada na descoberta do conhecimento como resultado de um doloroso caminho de trevas. Seria escusado tentar pôr por palavras a beleza deste local, pois essa só poderá ser correctamente apreciada por aqueles que se desloquem a Sintra, por transcender as minhas capacidades descritivas. Apenas direi que me perdi em grutas sombrias e me reencontrei na vegetação densa cortada por caminhos tortuosos, que me levaram a torres, a capelas e a palácios...

Contra todas as probabilidades, decidimos visitar aquele palácio que surgia no topo da Serra e, à falta de transporte, caminhámos rumo à Pena. Foi um percurso longo, com uma inclinação bastante acentuada, mas que começava a recompensar-nos à medida que o palácio, inicialmente longínquo, crescia e se tornava cada vez mais imponente e belo. O caminho valeu a pena: todas as divisões que visitámos estavam recheadas de todas as riquezas e pequenos pormenores que nos transportavam para a vida da família real e nos deixavam sem vontade alguma de abandonar este espaço. Contudo, a Pena fechava as portas e nós iniciámos a descida.

De corpos exaustos e mentes maravilhadas com tudo o que havíamos visitado e aprendido, voltámos a Vila Nova de Gaia. Dentro de nós, dominava, sobretudo, o sentimento de gratidão para com a professora que nos proporcionou a visita àquele oásis de beleza e cultura que é Sintra.



Clube de Inglês - “An Englishman in Gaia”

Some of the 10th D students who attend the English Club decide to participate in a video competition. This is their work.



FILM SCRIPT

I | “First contact”

(An English diplomat, the ambassador of the UK in Portugal, must get to the British Embassy in Oporto. He somehow finds himself in Gaia. It's still morning and as the curtain rises he is speaking to an old local on the street.)

Englishman *(preening his moustache)* – Excuse me, sir. Could you please tell me where I am?

(The old local stares at him, gawping, and rubs his beard in response.)

Englishman – Oh! Come on, you foolish man! *(Opens the car door, gets into the car, closes the door, opens the door again, gets out of the car, goes around the car, opens the left door and sits on the left-hand seat.)* Damn foreign contraptions!

II | “At the school” (or “Stereotypes”)

(He decides to pull over and have lunch at a local restaurant, where he is approached by a haggard-looking woman.)

Woman *(with a Portuguese accent)* – Excuse me, sir. Are you English?

Englishman – Well, yes. I am indeed...

Woman *(brutally grabs him)* – Oh, I'm so happy I found you! *(hysterical giggling)* I'm an English teacher at this school and I've run out of ideas to motivate my lovely *(ironically speaking)* pupils.

Englishman *(gasping)* – What on Earth do you want from me?! Let me go!

Woman *(releasing him)* – I'm so sorry! *(with a sweet voice)* Would you mind giving a short lecture to my Year 7 students?

Englishman – Err..., well, I suppose so... What about?

Woman *(smiling)* – You just have to tell us something about yourself.

Englishman – All right... When is the class?

Woman – Right now! *(Suddenly grabs him again and takes him to the classroom, where he finds 25 smiling 12-years-old.)*

Englishman – Hello!

Students *(in a chorus)* – Hi!

Englishman *(His face is lobster-pink. He sees the topic written on the white board: “Ridiculous Cultural Stereotypes.”)* – Hey! What the...?! *(coughing)* I... I'm sorry. What's this supposed to be?

Woman – Well, from the moment I saw you, you appeared to be the perfect person for this lecture.

Englishman – Well, look: I am telling you I am not interested, all right? *(He walks quickly towards the door, but trips on the table leg and goes painfully head-first against the door. The entire class bursts out laughing.)*

Woman *(helps him up)* – What's wrong with you? Aren't you a diplomat? At least, you look like one.

Englishman *(moaning)* – Oh! Just let me go! *(When he gets to the car park, he finds a gang of teenage reprobates destroying his car.)* Hey! No! What the fu...dge?! I'm go-

ing to kill these chavs! *(*bip* - Black screen accompanied by lift* music)*

*lift/elevator Got it?

III | “Ribeira”

(The Englishman ends up in Ribeira (we're not really supposed to know how he got there – that's the funny thing about it. He's sitting on a café terrace, having his 5 o'clock tea, relaxing, with his eyes closed.)

Englishman *(suddenly, he opens his eyes, looks at his watch and gasps)* – Oh, Good Lord! I must get to the Embassy!

(He catches a bus and gets off at the nearest underground station.)

IV | “Underground”

(As he attempts to catch the train, people insist on standing on the left-hand side of the escalators, which is the last straw for him.)

Englishman – Get out of the way, you damn fools! Coming through!

(When he gets to the platform, he sees a warning: “Linha fora de serviço” (“Line out of service”). He starts crying. When he recovers his consciousness, he desperately runs towards the exit of the station and catches a taxi. But at that time, people are leaving work and there's a huge traffic jam; the driver suggests they follow some shortcuts. However, they're constantly arriving at the wrong destination and in the end he has a humungous bill to pay. He's on the verge of having a heart attack: he is super-duper angry.)

V | “Collapse”

(He enters his flat. The clock strikes midnight and he's exhausted. He prepares some tea to calm him down.)

Englishman *(talking to himself)* – ‘So, how are you doing, John?’ ‘I'm doing well thanks, Peter!’ *(Some giggling. He feels faint and immediately collapses on the sofa, spilling the boiling tea all over himself. This brings him back to consciousness as he screams like a little girl.)*

Looney Tunes-style ending!
(closing circle)

Em Queda

Ana Cunha | n°3 | 10°C

Estava sentada no sofá, descontraída, a ver televisão, a beber um Compal e a desfrutar do mundo da Lua. De repente, o comando caiu, e, para o apanhar, debrucei-me, deixando cair também o pacote de sumo. O chão ficou imundo e o comando completamente molhado. Não costumo ser uma pessoa que se enerva com facilidade, mas aquela confusão tirou-me do sério. Porque é que tudo tem de cair?

Estava concentrada nas minhas limpezas irritantes, quando ouvi na televisão “A quantidade de pessoas que têm um emprego efectivo está em crescente queda.” Mas porque é que, neste país, a palavra “queda” insiste em assombrar as frases?

Os políticos anunciam, diariamente, a queda dos rendimentos, a queda dos nossos salários, a queda de todas as coisas que nos são benéficas. As folhas caem das árvores, a chuva cai do céu, as pessoas caem, os objectos caem, os sorrisos caem, a boa educação está em queda, os bons costumes caem também, e até o Pedro Abruñosa cai do palco dos Ídolos.

Fazendo uma breve análise, verificamos que a maioria das coisas já caiu, e que aquelas que ainda não tiveram essa experiência estão prestes a cair também. É certo que é inevitável cair quando se anda no ar. Aliás, o problema é esse mesmo! Andamos todos no ar! Ninguém nem nada tem os pés bem assentes na Terra. Depois, como grandes idiotas, pessoas com “muitas” ideias que somos, esperamos e rezamos para que a lei da gravidade não nos afecte, uma atitude tipicamente portuguesa.

Creio que o problema já deixou de ser, há muito tempo, a “maldita” lei da gravidade e passou a ser a crença ignorante e absurda de que esta não existe.

A queda não é fruto da natureza, a queda é fruto daquilo que se deixa cair. E cabe-nos a nós, habitantes do mundo, não permitir que nada entre em estado de queda livre.

*Semana das Humanidades**A Corda do Tempo*

Prof. José Galdes

Há cerca de 3,5 milhões de anos, surgiram os primeiros homínídeos, na savana africana, e deram início à longa caminhada da Humanidade. Um muitíssimo longo processo evolutivo fez com que todo o planeta fosse povoado pelo Homo Sapiens Sapiens. É mesmo esse em que estão a pensar, o que concebeu as magníficas obras de arte das Grutas de Lascaux e Altamira, e as gravuras rupestres de Foz Côa.

Os seus descendentes domesticaram os primeiros animais, fixaram-se em aldeias que aumentaram e deram origem a cidades. Homens e mulheres ousados e com determinação criaram as primeiras formas de escrita e as primeiras grandes civilizações. Claro, em regiões férteis e com muita água. Vocês sabem ...! Na Suméria e no Egipto, sim, esse mesmo que era dirigido pelos faraós.

Mas o tempo não pára e no século V a.C., na cidade de Atenas, na Grécia, os cidadãos governavam a sua cidade. E chamaram-lhe democracia ...

Nessa época, também no Mediterrâneo, desenvolveu-se uma civilização que conquistou os territórios localizados à volta desse mar. Acertaram novamente...! Falamos da

Civilização Romana e dos seus imperadores. Mas as civilizações formam-se, crescem e desaparecem. No ano 476, o Império Romano do Ocidente caiu em poder dos povos bárbaros.

As populações abandonaram as cidades e refugiaram-se nos campos; surgiu a Idade Média. Nessa época, mais propriamente no ano de 1143, o jovem príncipe Afonso Henriques, confiante, cheio de força e energia, lutou pela independência de um pequeno condado que vai dar origem ao reino independente de Portugal. Passados 200 anos, um rei apaixonou-se perdidamente por uma castelhana, aia da rainha, originando a trágica história de amor de D. Pedro e Dona Inês.

Trezentos anos depois, já em pleno século XV, foi desse território, debruado pelo mar, que partiram navegadores valentes e destemidos que demandaram novas rotas, descobriram novos continentes, novos povos e novos produtos. Luís Vaz de Camões cantou, no seu poema épico Os Lusíadas, a epopeia portuguesa.

Nos séculos XVIII e XIX, surgiram as grandes Revoluções. Recordam-se? Claro, grandes mudanças. A Revolução

Francesa, as revoluções liberais e a revolução industrial. Aboliram-se a servidão e os direitos feudais, e proclamaram-se os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Os reis deixaram de controlar todos os poderes, emergiram os partidos políticos e as eleições. Primeiro, só votavam os mais ricos, era o chamado voto censitário; e muito mais tarde, após duras batalhas, foi instaurado o voto universal, só plenamente alcançado no século XX.

Por outro lado, as populações abandonaram as aldeias e partiram para as cidades, no comboio a vapor, para trabalharem nas fábricas, equipadas com as novas máquinas a vapor.

E agora vamos pensar no século em que todos nascemos. O século XX foi um tempo de contrastes e de profundas mutações. Época de guerras mundiais, destruições, mortes, ditaduras, Holocausto e lançamentos de bombas atômicas; mas também século de progressos e verdadeiras melhorias. O ensino e a cultura democratizaram-se,

as condições de vida e de trabalho alteraram-se positivamente, a Mulher conseguiu alcançar os mesmos direitos que Homem.

Esse foi, também, o século da rádio, do cinema, dos meios de informação, da televisão, do computador, numa palavra, da “Era da Informação”.

Esse século foi, igualmente, marcado pela corrida espacial. Em 20 de Julho de 1969, Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar a Lua e a sua frase ficou célebre na História do século XX: “Um pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a Humanidade”.

E, finalmente, já não era sem tempo... o que dizer do século XXI, apenas começado? No século em que vivemos, haverá a continuação e o aprofundamento da “Era da Informação”, com o Facebook e outras redes sociais. Parafraseando Bill Clinton, antigo presidente dos Estados Unidos, “A informática e as telecomunicações serão para o século XXI o que as estradas foram para o século XX”.

Os Amores de Pedro e Inês

Rita Ferreira | n°17 | 11°F

A partir da iniciativa da professora Carla Teixeira, a turma 11°F desenvolveu uma actividade relativa à Semana das Humanidades.

Esta actividade enquadrou-se no âmbito da disciplina de História, tendo como objectivo dar a conhecer a Idade Média, de uma forma interessante e apelativa para os alunos. Assim, surgiu um projecto com duas vertentes: uma exposição que esteve patente na Biblioteca, onde pudemos observar a sociedade da época, e a dramatização de um dos episódios mais românticos e memoráveis da História portuguesa, os amores de D. Pedro e D. Inês de Castro.

A dramatização teve lugar no dia 9 de Fevereiro, em 3 sessões, uma de manhã e outra de tarde, direccionadas aos alunos, e a última, que teve lugar à noite, a que assistiram familiares dos alunos e docentes.

Ambas as iniciativas foram bem sucedidas e reflectiram o trabalho e empenho, quer da professora responsável, quer dos alunos envolvidos.



Exposição “Uma Viagem à Idade Média”



Dramatização “Os Amores de Pedro e Inês”



Dramatização “Os Amores de Pedro e Inês”



Dramatização “Os Amores de Pedro e Inês”

“Um Olhar Sobre o Horror do Holocausto”

Inês Marques | n°11 | 11°F

Quando esta actividade nos foi proposta pela professora de História, o seu objectivo inicial seria, do nosso ponto de vista, divulgar o nosso Curso e mostrar aos olhares mais desatentos a importância das Ciências Sociais e Humanas, provando que disciplinas como a História constituem um conhecimento valioso e indispensável para o progresso da sociedade.

Optámos pela escolha de um tema forte, que fizesse a audiência ver os rostos por detrás das tragédias que lhes são ensinadas variadas vezes nas salas de aula desta mesma Escola e que, por serem longínquas no tempo e no espaço, vêem os seus reais contornos de terror esbatidos e vão perdendo a capacidade de provocar empatia naqueles que as estudam. Que tragédia mais chocante e representativa das atrocidades que o Homem pode cometer que o Holocausto? Que rosto mais famoso e merecedor de empatia do que o de Anne Frank?

No dia 7 de Fevereiro, com o auditório repleto de alunos e professores, iniciámos, então, a apresentação que tão cuidadosamente havíamos preparado. Questionávamo-nos se a adesão do público iria ser a necessária para se passar a mensagem correctamente, se estaríamos nós à altura de apresentar um tema com tanto significado; mas confiámos no trabalho que desenvolvêramos. Assistimos, então, à mudança dos comportamentos daqueles que assistiam, que, inicialmente descontraindo e distraídos, começaram

a sentir-se tocados com as imagens gradualmente mais fortes, gradualmente mais chocantes. Aquando da pequena dramatização final, todos escutavam atentamente, ansiosos e curiosos. Os próprios erros por parte dos actores improvisados não fizeram com que o público parasse de se compadecer de todas aquelas vítimas, de todos os cadáveres que eram empilhados pelos nazis, sem piedade alguma.

Numa análise final da actividade, sentimos que fomos bem-sucedidos na tarefa de provar a todos os que assistiam que frequentamos o nosso Curso por amor e vocação; que o seu real valor é infinitamente superior àquele que, tão frequentemente, lhe é atribuído.



Dramatização “Um Olhar Sobre o Horror do Holocausto”

Semana das Humanidades em Imagens



Abertura



Abertura



3ª Idade - Inclusão | Exclusão



3ª Idade - Inclusão | Exclusão



A Arte e a Filosofia



A Arte e a Filosofia



Agricultura Biológica



Agricultura Biológica



Contos da Percepção



Contos da Percepção



Corda do Tempo



Diversidade Cultural



Economia



Economia



Entre o Mar e a Terra



Entre o Mar e a Terra



Envelhecimento Activo



Lançamento da Revista "Páginas do CNO"



O Diário de Anne Frank



Olimpíadas de História



Dramatização "Os Amores de Pedro e Inês"



Dramatização "Os Amores de Pedro e Inês"



Recolha de Sangue



Uma Viagem à Idade Média

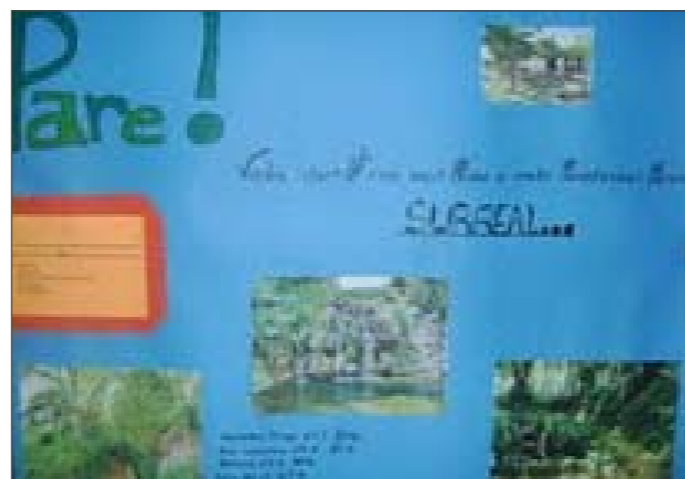
Aprender é Divertido

Joana Cardoso | 8ºB | Projecto Turma +

Neste período lectivo, estamos a estudar O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, de Jorge Amado. A propósito do local onde se passa a história, foi-nos proposta a elaboração de um texto publicitário, com o objectivo de atrair turistas a visitar o Parque.

Todas as turmas concluíram a tarefa com sucesso. Foi uma forma divertida de aprender e todos os grupos realizaram bons trabalhos.

Os resultados falam por si!



Diário de bordo da Ilha Desconhecida

Susana Lima | n°26 | 9°C

24 de Agosto de 1339.

O mar é um outro mundo, um mundo muito diferente daquele que os nossos olhos estão habituados a ver. É o mundo onde as pessoas se descobrem.

Foi neste lugar mágico que aprendi a não confiar apenas nos olhos, tenho de usar todos os sentidos que possuo, o tacto, o paladar, o olfacto, a audição e o coração. Quando finalmente descobrir como ver o mundo desta forma, conseguirei vê-lo também. É assustador pensar em senti-lo desta maneira, mas acaba por ser também extremamente agradável e as nossas aventuras diárias falam por si.

Ontem, vi o sol nascer, deixando o céu em tons de laranja e creme, e pensei para mim que iria ser um belo dia. Preparei o nosso pequeno-almoço, barrando algumas fatias de pão com manteiga e enchendo as nossas chávenas de barro com o café barato comprado nas terras do rei.

Fora uma manhã calma; içámos as velas, colocámos o leme no rumo certo e passámos a analisar os ventos incertos do norte que, de certa forma, também influenciam a maré que agora nos arrastava.

Mas aquele que se tomava como um dia perfeito, transformou-se num pesadelo interminável.

O céu azul e sorridente cobriu-se de nuvens pesadas e cinzentas; as gotas de chuva eram violentas e ferozes, como se a sua intenção fosse cortar a pele; e o vento rodopiava em círculos, a velocidades dignas de se considerar um tornado.

Não acreditava no que via, mas instantaneamente também soube que, agora, mais do que nunca, teria de ajudar. Saí do meu quarto e corri em direcção às velas, de maneira

a garantir que estavam bem esticadas e que nenhum fio se rompera, quando senti um toque suave no ombro.

Ele estava todo encharcado e com uma cara de cansaço, mas disse-me para voltar para dentro, que queria zelar pela minha segurança e que, para tal, não podia ficar no meio da tempestade, sujeita à chuva cortante, aos ventos ferozes e às águas turbulentas.

Tentei contrariar as palavras duras e persistentes, mas foi uma luta perdida. Não me restava mais nada a não ser voltar para o meu "sítio seguro", mas era tarde de mais. Escorreguei em algo que penso ter sido um peixe e os meus reflexos, mais rápidos que o meu pensamento, agiram sobre os meus membros superiores, que agarraram a primeira coisa que avistaram.

Já fragilizadas, as cordas das velas romperam com o meu peso e, em apenas alguns segundos, estava eu nas águas daquele mar zangado. Agora, tudo estava em câmara lenta; consegui ver a caravela a ser abordada violentamente, ouvia pequenos murmúrios que se assemelhavam ao meu nome e, antes de tudo se apagar, uma sombra, uma sombra que gritava e estendia a sua mão, num gesto de me resgatar da escuridão.

No momento seguinte, acordei de uma forma tão angelical que nem me ocorreu a opção de estar simplesmente acordada. Apesar de uma dor no peito e uma enorme dor de cabeça, os meus lábios estavam colados aos dele, e foi neste preciso momento que disse que queria ver o mundo de forma diferente.

O meu cérebro transbordava de sentimentos e pensamentos, mas era nele que o meu coração pensava.



Sonhos

Joana Dias | n°13 | 9°C

É aventura,
É descoberta,
A porta de um mundo aberta.

É proeza, porventura
Insanidade,
Loucura.
É felicidade
E não ter medo de falhar
É o cair e levantar.
É ingenuidade,
A alma do vazio,
O silêncio do desconhecido.
É partir, sem nunca chegar
O rir e o chorar
O navegar no incerto
Como prisioneiro liberto.
Subjectivo no objectivo
É doçura na amargura.
É inquietação,
Frenesim interior.

É cor, é traço
É força sem pudor
Que se dissolve no abraço
Deste objectivo interior.
É novidade, criação
É ter liberdade
Para transformar
Esta estrofe em canção.
São desejos censurados,
Para lá do permitido,
Bastante criticados
E fora do limite estabelecido!
Que encontram nos sonhos
Uma nova forma de se representar
Fogem à dita normalidade
Para fora dela se desenhar.
Fazendo entoar
Dentro de cada um de nós:
Se sonhos são tudo, talvez
Porque não sonhar
Se só vivemos uma vez?

*Sou do Tamanho dos Meus Sonhos*

João Mota | n°14 | 9°C

Sou do tamanho
Dos meus sonhos
E faço deles o que quero
Posso torná-los medonhos
E fazer como Homero
Ou fazê-los felizes
E fazer como Ulisses

Se não tentares
Não sabes se os podes concretizar
Porque tudo é possível
Só tens de acreditar

Os sonhos são feitos
Para serem perseguidos,
Agarrados,
Ou até explorados
São feitos de histórias vividas
E aventuras perdidas
De batalhas travadas
E de vitórias conseguidas

E se sairmos derrotados
Temos sorrisos amalhados
Porque sabemos que tentámos
E não ficámos parados
À espera que por eles próprios
Fossem realizados

Posso- me considerar
Um sortudo
Por poder sonhar
Sobre tudo
Sem limitações ou proibições

E tenho todas as razões
Para poder sonhar
Com o que quiser
E para finalizar
Quero dizer
Que faça o que fizer
O meu sonho vou encontrar
Para depois o realizar.



Sou Mulher, sou Portuguesa!

Rita Resende | n°7 | 7°C

Um velho ditado dizia: “Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”.

E eu, de alma jovem, respondo:

Ando com Portugal ao peito. Nas mãos, tenho os dez cantos de Camões. A minha voz é varina que apregoa e a minha força, a determinação de D. Henrique.

O meu espírito pertence às naus que partiram em busca dos sonhos das rosas de Santa Isabel e ao povo que lutou por Avis.

Tenho em mim o mistério do nevoeiro de D. Sebastião e o amor de Pedro a Inês.

Sou guerreira de Aljubarrota e revolucionária de 1910.

Sobre a cabeça, transporto uma fragata, nos lábios, um aroma de vinho e, nos olhos, o reflexo de um poema. Sou as Flores sem Fruto de Garrett, o Anjo Caído de Castelo Branco, os Autos de Gil Vicente e as Rimas de Bocage. Sou os Contos de Eça de Queirós e a Mensagem de Pessoa, sou as cantigas de amor, escárnio e maldizer, sou a Charneca em Flor de Florbela Espanca, que traz na alma um fado!

Sabeis agora dizer-me quem sou?

Sou mulher, sou portuguesa!

*Tudo isto para quê?*

Joana Pinto | n°13 | 10°B

Um dia, acordamos e vemos que tudo é perfeito à nossa volta. No dia seguinte, descobrimos que essas coisas que pensávamos que eram perfeitas são apenas farsas do que nós desejávamos que fossem.

Sonhamos, temos e depois perdemos...Segunda oportunidade? Existiu, mas perdeste-a! Não és tu quem sofre, sou eu.

Acordei e vi logo que era uma ilusão. Iludiste-me com tantas coisas! Dizias que eu era o melhor que te tinha acontecido, que me amavas, dizias as palavras mais bonitas que uma jovem gosta de ouvir. Porque é que me iludiste tanto? Para eu sofrer com uma desilusão?

O medo que eu tinha, contigo desaparecia; não podia estar sem ti. Ainda não posso, mas sei que é o melhor para

os dois.

Houve um dia em que sonhei que o mundo era a cores; foi, mas tudo ficou estragado com as tuas palavras sem sentimento. Cheguei à conclusão de que o mundo tem apenas tons de cinzento... Fiquei sem aquela luz que me davas, porque ficaste sem espaço no coração para mim, e outra ocupou-o. Mas ela não te ama como eu te amo, disso tenho a certeza!

Começou a chover. A trovoada chegou, cai cada gota devagar como cada lágrima minha. Estou parada na chuva e sei que realmente acabou; e em cada relâmpago que vem, é apenas uma memória que ficou. Agora, estou cheia de dor, porque sei que nunca mais te vou sentir como antes.

Percebi que não eras aquele príncipe que pensava que eras. Os contos de fadas estão nas histórias dos livros. Não sou a Cinderela e muito menos a Bela Adormecida. Mais valia ter vivido um sono profundo, sem dor. Se um dia quisesse um príncipe para me proteger, vou ter de o sentir primeiro e não escolher assim, como te escolhi a ti. Queria tanto apaixonar-me por um rapaz que me amasse de verdade, e não por um que dissesse “Amo-te!” por dizer e que me desiludisse!

Parece que tomei veneno e não consigo controlar esta dor. Choro sem querer e grito dentro de mim! Aprendi que nunca fiz nada certo; estava cega e voltei a cair no erro de achar que tinhas mudado.

Agora, vou ter de viver com isso para sempre e os “Amo-te!” sem sentimento acabaram. E não voltarei a cair no mesmo erro!

*Uma Borboleta*

Ana Cunha | n°3 | 10°C

Peguei no baú, estava cheio de pó, abri-o. Dentro dele, estavam imensas fotografias, muitos postais, múltiplas cartas e uma borboleta.

Quando me pedem para escrever sobre mim mesma, eu não consigo deixar de pensar em borboletas. Para mim, as borboletas são livres, transmitem energia positiva, força, mas, em simultâneo, muita fragilidade e insegurança. As borboletas são, também, animais que passam o dia inteiro com a cabeça na lua, são umas desprendidas do mundo, umas desvairadas, como diria a minha mãe. Elas nunca sabem onde estão nem imaginam para onde vão, limitam-se apenas a bater as suas asinhas de um lado para o outro. Saí do meu casulo numa bela noite de Primavera, 15 de Maio de há quinze anos atrás. Conta-me a família que o papá e a mamã eram borboletas muito babadas. Afinal de contas, eu era o seu primeiro rebento.

Era, de facto, uma pequena borboleta, uma borboleta no meio de uma floresta. Uma floresta? Uma selva, queria eu dizer! Tal como todas as borboletas, eu desenvolvi mecanismos e estratégias de defesa, de exibição, de afeiçoamento e muitas outras coisas.

Ao longo da minha vida como borboleta, descobri várias actividades que me apaixonam: descobri que sou uma borboleta matemática, uma borboleta actriz e uma borboleta escritora. É por estas três coisas que eu gosto imenso de viver, adoro tudo o que se relacione com elas e praticá-las no meu dia-a-dia dá-me imensa felicidade.

Apenas duas pessoas imprimiram as suas marcas nas minhas asas, as marcas que mais amo: os meus pais. Penso que seria muito mais interessante lerem a biografia deles do que a minha, são ambos pessoas fascinantes. O meu pai distingue-se pela sua coragem e a minha mãe é a pessoa mais lutadora que alguma vez conheci. Eu devo tudo aos meus pais! Devo-lhes a minha vida, devo-lhes a minha personalidade, devo-lhes todas as minhas conquistas e todos os meus sucessos.

É por eles que continuarei a crescer como uma borboleta forte, uma borboleta que sempre terá asas para voar!

*Alunos da ESIC “ao encontro” de Garrett*

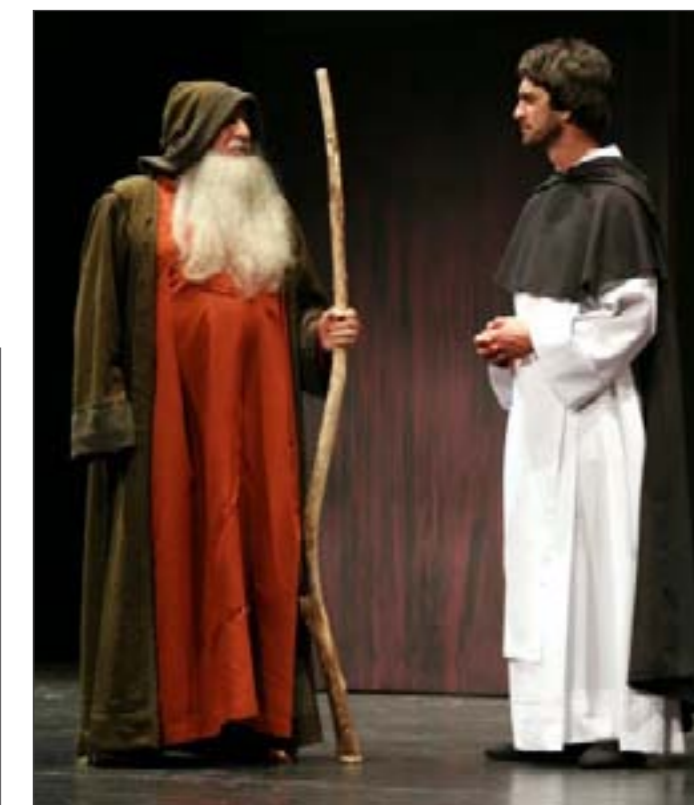
Filipa n°7 | Tiago n°16 | 11°G

No passado dia 26 de Janeiro, as turmas do 11º ano da nossa Escola foram ao Teatro Sá da Bandeira assistir à representação da peça Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett. Este acontecimento surgiu no âmbito da disciplina de Português, uma vez que esta obra faz parte dos conteúdos programáticos deste ano de escolaridade.

O início da peça marcou muito os espectadores, com a entrada em cena de todas as personagens, acompanhada de música, num ritmo lento e solene. Criou o ambiente e predisps o público para a tragédia.

Do nosso ponto de vista, a peça foi bem representada e quase todos os actores desempenharam muito bem o seu papel. A actriz que nos decepcionou um pouco foi a que vestiu a pele de Madalena de Vilhena. Sendo uma personagem tão marcada pelo sofrimento e vivendo em constante terror por causa do seu passado, deveria ser representada com mais dramatismo e expressividade, para além de que a dicção e o tom de voz da actriz também prejudicaram o total entendimento por parte do público. Em suma, esta ida ao teatro foi muito proveitosa, uma vez que nos ajudou bastante a perceber a obra, facilitando o estudo da mesma durante as aulas.

Já alguém disse que “uma imagem vale mais que mil palavras” e eu acho que esta representação provou bem isso, pois ao assistirmos à peça, ficámos a percebê-la melhor do que se a tivéssemos apenas lido, em casa ou nas aulas. Aliás, qualquer texto dramático só fica completo quando é posto em cena e apreciado pelos espectadores.



Fórmulas Milagrosas para Educar...

APESCA – Associação de Pais e Encarregados de Educação da ESIC
(adaptação de artigo publicado na revista LUX)

Os pais actuais têm muitas dúvidas sobre a melhor forma de educar os seus filhos. Os pais de antigamente educavam vários filhos com bom-senso e o conselho ocasional de algum familiar. Mas hoje parece que isso não chega. Mais ainda, parece que as dezenas de livros e sítios na Internet sobre educação não chegam. E não admira que assim seja. Em primeiro lugar, a educação não é algo que se aprenda nos livros, mas que se vive e molda na prática do dia-a-dia. Não existem fórmulas mágicas ou truques milagrosos que transformem qualquer pestinha num anjo celestial. Não existe nada nem ninguém que possa dar aos pais o que eles mais desejam: a fórmula da educação perfeita. Os pais e mães sentem-se perdidos quando esta sociedade não é aquela que «tem a resposta para todos os seus problemas», mas, afinal, aquela que «tem a resposta para todos os seus problemas, excepto os que dizem respeito à educação dos seus filhos».

Acresce a tudo isto uma manifesta falta de tempo. Cada vez mais os pais chegam «tarde e a más horas» a casa, trabalham ao fim-de-semana ou por turnos, e pretendem, naqueles poucos minutos que estão com os seus filhos, operar verdadeiros milagres de educação. Super-heróis, só no cinema ou no Carnaval. Educar exige tempo. E tempo de qualidade. Não dá para resumir ou condensar. Educar significa ensinar e transmitir valores; e isto só se consegue pela palavra calma e o exemplo contínuo do dia-a-dia.

Mas a educação de uma criança/jovem não pode ser feita sem proibições, sem regras ou sem restrições, do tipo «eu sou o teu melhor amigo e por isso tu vais fazer o que eu te digo, certo?» Errado. A criança/jovem precisa de regras e de limites, da mesma forma que necessita de valores e de objectivos. Muitos pais e mães têm enorme dificuldade em estabelecer esses limites ou em definir algumas regras, «para não traumatizar», dizem.

Existe actualmente grande insegurança na educação infantil/juvenil. E é um erro o que muitos casais pensam, que a escola se vai encarregar de educar os seus filhos. A escola vai ajudar, mas os pais são os professores privilegiados dos seus filhos e ninguém como eles pode ter tanta influência no desenvolvimento da personalidade da criança/jovem. Há que perder o medo. As crianças/jovens de hoje serão os Pais de amanhã e irão transmitir o que aprenderam!



A Morte da Língua

Ana Cunha | nº3 | 10°C

Há quem diga que o Latim é uma língua morta. Eu considero que, mais morto do que o Latim, está o Português. Como diz um certo jornalista da TVI, “Foi assassinado, mas não se sabe se está morto.”. Concordo plenamente com este senhor. De facto, temos vindo a assassinar o Português, sem nos apercebermos de que ele já está suficientemente morto e não é necessário degradar mais a sua memória. E agora, eu pergunto:

- E quem foi o assassino?

Não, não foi aquele “assassino que matou trinta mortos”, senhor jornalista. E o senhor diz-me:

- Será que morreu “naquele acidente que fez o total de um morto e três desaparecidos, embora se tema que não haja vítimas?”

E eu respondo-lhe:

- Nem pensar! Foi o senhor, você mesmo, com esse cérebro a “zero graus negativos” e essa necessidade de concretizar incómodas “intervisões”. Sim, “intervisões”, pois agora, segundo o seu vocabulário sofisticado e moderno, o intervir transformou-se em “interver”! Eles “intervêm”, elas “interviram”, eles “interverão”, etc... Tanta “intervisão”! Uma pessoa não pode estar descansada a ver o telejornal sem que os seus ouvidos sejam invadidos por um exército de palavras loucas e de erros catastróficos! Quando a minha escala de paciência e tolerância se reduzem ao mínimo e esgotam, o que eu habitualmente faço é carregar no botão vermelho do controlo remoto. Acabou! Adeus mortos, adeus feridos, adeus visões do vir e adeus jornalistas!

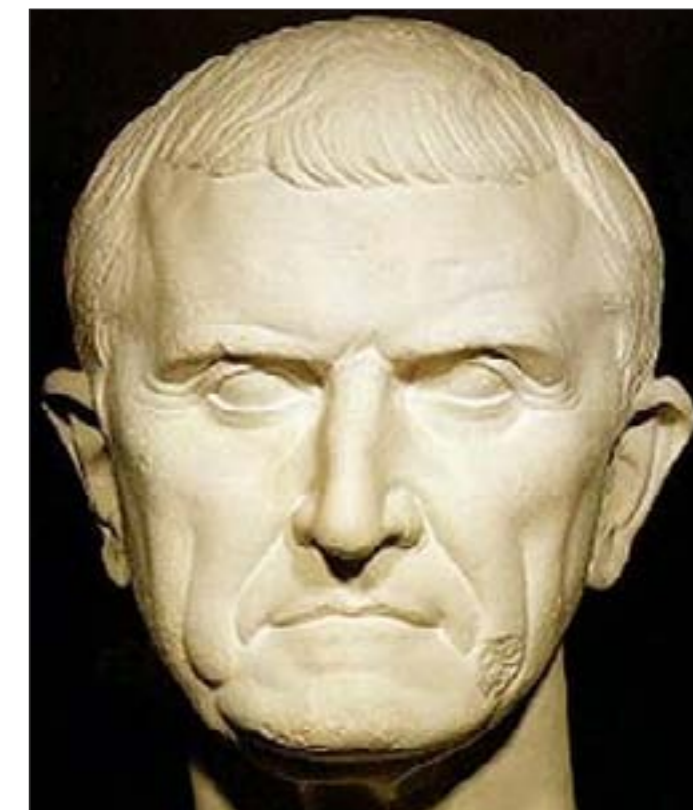


“Erro Crasso” | Expressão Idiomática

Prof.ª Maria José Sousa

Significado: Erro grosseiro.

Origem: Na antiga Roma, durante o primeiro triunvirato, constituído por Caio Júlio, Pompeu e Crasso, este último foi incumbido de atacar os Partos (povo da Pérsia). Confiante na vitória, Crasso resolveu abandonar todas as formações e técnicas romanas e, simplesmente, atacar. Para além disso, escolheu um caminho estreito e com pouca visibilidade. Os Partos, ainda que em menor número, conseguiram vencer os Romanos, sendo o general que liderava as tropas o primeiro a tombar. Desde então, sempre que alguém tem tudo para acertar, mas comete um erro insensato ou imprudente, diz-se que se trata de um **erro crasso**.



Os Nossos Blogues

As turmas A, C e D do 10ºano, no âmbito da disciplina de Português, criaram dois blogues para divulgação dos textos produzidos pelos alunos em oficina de escrita, de acordo com as tipologias textuais estudadas. Podes conhecê-los através dos seguintes endereços:

<http://100pontos finais.wordpress.com>
cordoesdesapertados.blogs.sapo.pt



Havia Uma Palavra

Eugênio de Andrade

Havia uma palavra no escuro. Minúscula.
Ignorada. Martelava no escuro.
Martelava no chão da água.
Do fundo do tempo, martelava.
Contra o muro. Uma palavra. No escuro.
Que me chamava.

in *Matéria Solar*